
A ciência no jornalismo: uma análise das publicações da Folha de S. Paulo e do Nexo¹

Elisa BEDIN²

Alice PAVANELLO³

Universidade Federal de Santa Maria, RS

RESUMO

Este artigo tem como objetivo analisar como são configuradas as matérias sobre ciência nos veículos jornalísticos Folha de S. Paulo e Nexo. Parte-se da compreensão de que uma das funções do jornalismo é a de tornar o conteúdo científico acessível e interessante para o público, de forma a contribuir para um pensamento atualizado e crítico. A partir do referencial teórico de jornalismo científico (Oliveira, 2002; Bueno, 1985) e da organização dos conteúdos especializados no jornalismo (Lage, 2019), adota-se a metodologia de análise de conteúdo (Bardin, 2011) para investigar as publicações sobre ciência feitas pelo jornal de referência Folha de S. Paulo e pelo jornal independente Nexo. Observa-se que os dois veículos configuram de maneiras específicas e distintas as matérias sobre ciência estando a organização relacionada, entre outros aspectos, com a estrutura do jornal.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo científico; Folha de São Paulo; Nexo; editoria; ciência.

Introdução

As reportagens de ciências e tecnologia cumprem as funções informativa, educativa, social, econômica, cultural e político-ideológica (Lage, 2019), sendo fundamentais para atualizar conhecimentos e viabilizar um pensamento autônomo e crítico da sociedade. Entretanto, as descobertas científicas, os resultados e suas implicações na sociedade são informações ainda distantes do cotidiano da maioria das pessoas (Oliveira, 2002, p.12). Os conteúdos científicos acabam sendo acionados sobretudo em casos de tragédias que afetam direta ou indiretamente a vida dos brasileiros. Ademais, vive-se em um momento de crise de legitimidade de instituições

¹ Trabalho apresentado no IJ01 – Jornalismo, da Intercom Júnior – XX Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Estudante de Graduação. 7º semestre do Curso de Comunicação Social, habilitação Jornalismo da UFSM, e-mail: elisabedins@gmail.com

³ Orientadora do trabalho. Professora do Departamento de Ciências da Comunicação da UFSM, e-mail: alicebpavanello@gmail.com

que produzem e/ou compartilham conhecimento científico, como universidades, centros de pesquisa e a imprensa (de Oliveira, 2020). O jornalismo enfrenta desafios severos como a disseminação de notícias falsas, justamente em períodos decisivos no âmbito governamental – como pandemia, eleições e tragédias climáticas. E ainda há uma ausência de processos de democratização do conhecimento científico que priorize a aproximação da população com as “consequências comerciais, estratégicas, burocráticas e de saúde pública da ciência e tecnologia” (Oliveira, 2002, p.13).

O desenvolvimento da cobertura científica no Brasil é considerado tardio em comparação aos Estados Unidos e a Europa. As produções de ciência e tecnologia ganharam relevância na agenda governamental somente em 1940, na fase do Estado Novo, período da governança ditatorial de Getúlio Vargas (Oliveira, 2002, p.29). Fato esse que ocasionou impacto na cultura do conhecimento científico na sociedade brasileira, e pode contribuir em um atual desinteresse da população. Outro motivo para o atraso é a precariedade do estímulo governamental às pesquisas no âmbito da ciência, saúde e tecnologia, que acaba por atingir também o jornalismo científico, o qual deveria estar mais próximo dos brasileiros e dos cientistas nacionais. Para Lage (2019), o motivo para a pouca divulgação científica brasileira se articula com uma representação de atraso que nem sempre corresponde à realidade, mas que “serve a objetivos políticos e institucionais claros” (Lage, 2019, p.122).

Torna-se fundamental, nestas circunstâncias, uma reflexão sobre a produção de jornalismo científico no país. Neste trabalho, toma-se como objetos de análise dois veículos jornalísticos de abrangência nacional, sendo um jornal de referência a Folha de S. Paulo e um veículo independente, o Nexo Jornal. Ambos foram escolhidos depois da realização de estudo exploratório que buscou identificar como os veículos jornalísticos do país organizam em editorias as reportagens sobre ciência.

Com este artigo, pretende-se apresentar um levantamento inicial sobre como são configuradas as editorias e as reportagens que têm como pauta temas sobre ciência nos veículos Folha de S. Paulo e Nexo Jornal. Por meio da seleção de todos os conteúdos publicados no mês de maio, período da catástrofe das enchentes do estado do Rio Grande do Sul, e da divisão desses conteúdos em categorias pré-definidas. O objetivo é explorar o significado atrelado ao jornalismo científico em dois periódicos que possuem valores, formatos, posicionamentos e formas de financiamento distintos. Ademais,

diferem-se um do outro a partir de suas características marcantes de escolhas editoriais, criando-se um padrão de hierarquia de pautas, personalização, produção e distribuição que caracterizam os conteúdos como singulares.

O estudo terá enfoque na perspectiva teórica, a partir dos autores que definem o contexto histórico do jornalismo científico e conceituam o termo (Bueno, 1985; Oliveira, 2002), e através da definição das categorias de jornais de referência e independentes (Amaral, 2004; Filho, Souza e Moliani, 2019; Zamin, 2014). Na metodologia, de análise de conteúdo (Bardin, 2011; Herscovitz, 2007).

Este artigo tem como objetivo apresentar uma primeira categorização de publicações das editorias de ciência dos periódicos Folha de S. Paulo e Jornal Nexa, como uma das etapas de pesquisa de um trabalho de conclusão de curso em desenvolvimento.

O Jornalismo Científico

A história da divulgação científica está atrelada ao nascimento da imprensa de tipos móveis, no século XV. Na Europa, essa inovação facilitou a propagação das criações de cientistas para o público letrado da sociedade, possibilitando o surgimento de uma comunidade de pesquisadores. Durante os séculos XVI e XVII, o continente europeu vivia o período da revolução científica: a Alemanha começou a publicar seus primeiros jornais em 1609. Porém, a nomeação de pioneiro do jornalismo científico pertence ao alemão e cientista Henry Oldenburg, que utilizava em seus textos uma linguagem informal, objetivando a aproximação com os leitores (Oliveira, 2002).

Na Inglaterra, cartas escritas por cientistas ganharam relevância internacional no século XVII. A prática de tradução era aplicada nos textos para visibilizar as descobertas dos profissionais para além do próprio continente, o que levou a designação do país como o berço da divulgação científica no mundo. A ocorrência das duas guerras mundiais também exerceu influência no avanço da produção jornalística de ciência e tecnologia na Europa e nos Estados Unidos. O interesse pelas informações era voltado ao uso das tecnologias bélicas e a posição dos cientistas nos países envolvidos. Portanto, o advento da imprensa resultou na difusão da ciência e, por consequência, do jornalismo científico (Oliveira, 2002).

De acordo com Oliveira (2002, p. 23), “a comunicação pública de C&T é hoje uma instituição plenamente incorporada à cultura americana, talvez mais do que em qualquer lugar do mundo”. Na revisão de literatura da autora, observa-se que a área do jornalismo científico recebe impulso na segunda metade do século XIX na Europa e nos EUA, e a ciência se torna um assunto recorrente entre as elites dos séculos XIII e XIX. Sendo assim, o conhecimento científico tem sua origem subordinada à uma restrição de acesso, onde a maioria da população, sem privilégios de ensino, era excluída do convívio com a ciência.

No Brasil, a história da imprensa tem seu início em 1808, quando o primeiro exemplar da Gazeta do Rio de Janeiro é produzido na época de Dom João VI. Nesse contexto, o país possui um declínio de desenvolvimento na área do jornalismo e da ciência devido aos “417 anos de repressão e cerceamento da liberdade de expressão” (Oliveira, 2002, p.27). Como consequência do longo período de opressão, a pesquisa científica se estabeleceu no final do século XIX, com o crescimento da comunidade de cientistas brasileiros.

E em 1948, no Estado Novo, a ciência ganhou avanço no país, com a implementação do tema nas metas do governo. No mesmo ano, criou-se a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), seguido do Conselho Nacional de Pesquisas (CNPq) em 1951. Entretanto, um fato anterior às conquistas citadas é que a prática do jornalismo científico no Brasil começou a ser aplicada com o jornalista Hipólito da Costa, fundador do Correio Braziliense. No final do século XVIII, o profissional escreveu notícias e relatos sobre as “maravilhas da botânica, da agricultura e sobre as doenças que grassavam ao seu tempo” (Bueno, 2009, p. 115).

Contudo, o pioneirismo do jornalismo científico brasileiro é do médico e jornalista José Reis, conhecido pelos seus textos semanais da Folha de S. Paulo, realizadas desde 1947. Suas publicações eram disseminadas em artigos e folhetos para a população que não possuía habilitações nas variadas esferas de estudos científicos. O trabalho de J. Reis trouxe visibilidade à ciência e democratizou um conhecimento que, anteriormente, era exclusivo para poucos. O pesquisador também foi um dos fundadores, em 1977, da Associação Brasileira de Jornalismo Científico (ABJC). Além desses dois grandes profissionais, uma menção honrosa a se citar é do jornalista

Euclides da Cunha, que publicou o livro “Os Sertões” no século XX, obra consagrada na literatura brasileira.

A noção generalizada do jornalismo científico é de que se refere ao ato de democratizar o conhecimento relacionado à ciência, tecnologia e inovação. A descrição simplória da disseminação dos saberes dessas áreas que possuem um linguajar difícil e que, muitas vezes, constrói uma barreira que restringe as descobertas somente aos especializados, não está errada como um todo. Porém, considera-se o conceito do jornalismo científico como uma junção de diferentes concepções e funções específicas que ultrapassam a ideia de noticiar um conteúdo só porque é uma descoberta alcançada por um cientista.

Para Bueno (1985, p. 1420), a conceituação do jornalismo científico tem risco de ser confundida com os termos “difusão científica”, “disseminação científica” e “divulgação científica”. A diferença entre essas expressões é notável: A “difusão” é um palavra que adquire caráter global, o autor a compreende como um processo que circunscreve os demais conceitos; No segundo caso, “disseminação” se refere ao compartilhamento de descobertas em uma comunidade fechada de cientistas (de qualquer área); Já a “divulgação” é uma prática que permite a chegada da informação científica ao público leigo, mas abrange formatos distintos (jornais, revistas, livros didáticos, quadrinhos, campanhas em hospitais, etc). Por isso, em último caso, “o jornalismo pode ser considerado uma espécie da atividade da divulgação científica” (Bueno, 1985, p. 1422).

Na prática, a distinção entre “jornalismo científico” e “divulgação científica” se dá pelas características singulares do código (linguagem) e do profissional que atua em cada uma das atividades. Para caracterizar a produção jornalística de ciência, Bueno (1985) sustenta que é essencial observar os aspectos particulares de sua execução.

Apropriando-se das características enunciadas por Otto Groth: atualidade (ocupa-se de fatos e pessoas que estejam direta ou indiretamente relacionadas ao tempo presente); universalidade (abriga os diferentes ramos do conhecimento científico); periodicidade (manter um ritmo de divulgação das matérias em conformidade com o desenvolvimento da ciência, antes do ritmo de edição dos jornais); difusão (circulação do conhecimento na sociedade). (Bueno, 1985, p.1422).

Outra constatação do autor (1985, p. 1423) é que o jornalismo científico precisa eliminar o preconceito com as ciências humanas e as técnicas e processos mais simples. Ao considerar as pautas selecionadas acerca do tema, percebe-se que os jornais valorizam de modo excessivo os assuntos alusivos às tecnologias de última geração, e feitos estrangeiros que não são contextualizados no cenário brasileiro. Os textos também não procuram explicar o básico sobre como é aplicado o fundamento científico. O papel do jornalista não é traduzir as pesquisas de forma literal, mas ampliar o debate sobre o que está sendo noticiado, treinando os leitores para que possam exercer o direito de refletir e criticar os estudos com argumentos bem estruturados.

Para isso, Bueno (1985, p. 1424) apresenta seis funções básicas das quais o jornalismo científico deve cumprir: Informativa (divulga fatos e informações, permite ao cidadão comum se inteirar sobre as novas descobertas); Educativa (atividade que contribui para a formação de condutas positivas ou negativas na opinião pública); Social (é o processo de humanização da ciência, o jornalista realiza uma intermediação entre o cientista e a sociedade); Cultural (o trabalho deve ser feito em prol da valorização da cultura nacional); Econômica (relação entre o desenvolvimento da ciência e o setor produtivo no país) e a Político-ideológica (o jornalismo não deve ser um mero reprodutor do discurso, precisa-se considerar que a área científica também funciona como um instrumento de dominação governamental).

Lage (2019) explica que o objetivo da reportagem especializada em ciência e tecnologia é transformar o conhecimento científico-tecnológico em informação jornalística. As fontes das reportagens científicas e tecnológicas costumam ser pesquisadores e documentos resultantes de pesquisas, como artigos, teses e dissertações. Um desafio do jornalista que produz matérias para tal editoria é tornar “os conteúdos da ciência compreensíveis e atraentes” (Lage, 2019, p.123) com um texto claro, fácil de ser compreendido, mas que dê conta da complexidade da pauta.

3. Jornalismo de referência e independente

Os jornais classificados como de referência são conhecidos socialmente como os veículos que seguem os valores tradicionais da produção jornalística, dos quais decisões comerciais influenciam a agenda de pautas e os enfoques noticiosos. Em seu estudo

sobre os referenciais brasileiros que conceituam o tema, Zamin (2014, p. 931) estabelece as principais características de identificação desses periódicos: “Ter tradição, prestígio e credibilidade; servir de referência a outros jornais no próprio país; voltar-se para a política, a economia e os assuntos internacionais; ter como público um leitor competente do mundo público (as elites econômica e cultural); e possuir índices elevados de tiragem e circulação.”

O discurso hegemônico da imprensa convencional trouxe como consequência o surgimento de um novo fenômeno na área: o jornalismo alternativo. Filho, Souza e Moliani (2019, p. 25) mostram em sua pesquisa que esse modelo de produção jornalística tem as suas raízes na imprensa alternativa de oposição à ditadura, partindo do princípio de que essa prática possui como principal característica o contraponto ao padrão estabelecido pela mídia convencional, diversificando na “estrutura organizacional, conteúdo, estética, linguagem, entrada na comunidade e modos de financiamento” (Bona et al, 2015, p. 99 *apud* Filho; Souza; Moliani, 2019, p. 20).

Na academia, estudiosos procuram conceituar e separar os termos “comunicação alternativa” e “jornalismo alternativo”, para que não sejam confundidos como sinônimos na literatura jornalística. A primeira menção recebe o adjetivo de “popular” ou “comunitária”, sua abordagem “é mais ampla, e se relaciona à exclusão social de grupos ou visões de mundo e à promoção de temas e questões considerados relevantes para determinados grupos” (Filho; Souza; Moliani, 2019). Já a segunda se difere nos seguintes aspectos:

Parte da imprensa alternativa diferencia-se da comunicação popular e comunitária à medida que mantém certo distanciamento dos movimentos sociais, ainda que haja vínculos ideológicos ou políticos. E mais, nem toda mídia independente ou autônoma é alternativa. Há meios que oferecem conteúdos para ampliação dos direitos à cidadania e há outros que representam interesses individuais e que podem ser até mesmo conservadores ou privado-mercantis. (Barbosa; Rocha, 2018, p. 70).

Um fator determinante para o jornalismo alternativo é o financiamento. As decisões relacionadas às editoriais de veículos que se enquadram nos critérios deste conceito são constituídas a partir dos recursos de apoiadores que amparam o trabalho jornalístico. Os pesquisadores Carvalho e Bronosky (2017, p. 31) acrescentam à

discussão que o posicionamento editorial do jornalismo convencional – ligado à dependência governamental e aos interesses particulares do veículo – faz com que esses jornais não consigam assegurar um espaço público. Logo, o jornalismo alternativo acabou sendo “fruto dessa incapacidade”.

Após a exploração dos materiais que debatem sobre a nomeação do “alternativo”, busca-se, enfim, um enquadramento conceitual para o “jornalismo independente”. A atribuição da independência visa, segundo Patrício e Batista (2020, apud Lima, 2020, p. 49) agregar aspectos “estruturais, econômicos, sociais, de transparência, de inovação e clássicos”. Para Lima (2020), esses veículos atuam de forma coletiva e não possuem ligação com os conglomerados de mídia, empresas, políticos ou organizações.

Outro ponto é que a diversidade do jornalismo não convencional é vasta e precisa ser entendida a partir da “credibilidade em torno dos discursos sobre valores, objetivos, organização, modelos de negócio e práticas jornalísticas” (Lima, 2020, p. 50). Na perspectiva do discurso, Amaral (2004) explora o conceito de Lugar de Fala dos segmentos da grande imprensa popular e de referência. Segundo a autora (2004, p. 107), todo o jornal se dirige a um mercado específico, e procura se direcionar a um tipo de público. Ou seja, o poder simbólico da imprensa determina como o discurso será construído e disseminado para o leitor, e molda uma estratégia de posicionamento de fala visando questões mercadológicas.

Ao campo jornalístico corresponde um mercado simbólico de igual vigor ao de bens materiais, em que os agentes não competem em igualdade de condições. E o poder em jogo é o simbólico, que determina quem tem acesso à visibilidade ou não. O campo jornalístico é regido por determinadas regras que moldam o que é legítimo ser falado e ocorrem muitas disputas no interior do campo em função da variação de posição dos agentes na aceitação, ou não, das demandas mercadológicas. As empresas jornalísticas e os agentes sociais que falam no jornal negociam, entram em confronto, e estabelecem alianças cotidianamente para impor seus modos de percepção, classificação e intervenção na sociedade, ou seja, ambicionam o poder simbólico, o poder de construir a realidade e definir o mundo social. (Amaral, 2004, p. 111).

Em 1947, a Folha de S. Paulo começou a publicar a coluna do médico e jornalista José Reis, que carrega o título de pioneiro do jornalismo científico brasileiro (Weber, 2010). Seus textos fizeram com que o veículo de referência obtivesse avanços consideráveis na criação de uma editoria específica de ciências. Por ser o jornal de maior circulação impressa e maior número de assinantes digitais no âmbito nacional, segundo os dados de 2023 do Instituto Verificador de Comunicação (IVC), a liderança da Folha é um dos motivos para a sua escolha como um dos objetos de pesquisa, junto de sua influência histórica na produção do jornalismo científico no país.

Outro veículo que desenvolve o jornalismo científico é o Nexo Jornal, uma iniciativa independente de produção, financiada majoritariamente por recursos próprios, lançada no meio digital em 2015. Nesse caso, a justificativa da seleção se baseou nas características únicas das escolhas editoriais do periódico. Um dos pilares do Nexo é, justamente, apresentar pautas inéditas em formatos inovadores. O que atrai atenção para como é configurada a cobertura científica nesse veículo, que se propõe a criar um modelo diferenciado de jornalismo no Brasil, e tem como principal fonte de receita as assinaturas dos leitores.

Partindo das especificidades das preferências editoriais, formas de financiamento e hierarquia de conteúdo, evidencia-se a necessidade de uma investigação crítica sobre a configuração do jornalismo científico em ambos os objetos. Ao analisar a situação da cobertura científica no Brasil, torna-se possível realizar uma avaliação criteriosa acerca da atual relevância da ciência nos veículos e apontar o impacto da Folha de S. Paulo e do Nexo Jornal na aproximação dos cidadãos à cultura científica.

O encantamento pelas funções do jornalismo científico de “informar, educar e humanizar” também são parte do incentivo para produzir estudos na área, tornando esse ofício uma “fonte popular de informações sobre ciência” (Bueno, 1985). A vontade de refletir sobre a democratização da ciência impulsiona o desejo de mostrar o porquê desta ser uma das esferas fundamentais de conhecimento na nossa sociedade, para todos os diferentes públicos. Ainda, de acordo com a pesquisa Percepção pública da C&T no

Brasil⁴, cerca de 60% da população brasileira tem interesse em assuntos ligados à ciência e tecnologia, o que aponta para um tema a ser explorado pelo jornalismo.

As matérias de ciência nos veículos jornalísticos

Neste artigo, utilizou-se a metodologia de análise de conteúdo de Bardin (2011) e Herscovitz (2007) para classificar como as pautas de ciência são configuradas nas publicações digitais de Folha de S. Paulo e do Nexo Jornal. No veículo de referência, a ciência é configurada como uma editoria, contando com uma equipe de colunistas e repórteres especializados na área, profissionais de outras formações e até a criação de blogs com conteúdos relacionados ao tema da ciência. A editoria está organizada em ordem cronológica com as mais atuais no topo, contendo um espaço para a seção de “mais lidos”, e um com as matérias mais recentes de cada colunista e dos blogs “Ciência Fundamental” e “Sou Ciência” em destaque. Na editoria de ciência da Folha de S. Paulo são publicadas notícias e reportagens sobre meio ambiente, tecnologia, inteligência artificial, astronomia, biologia, medicina, saúde e outros.

No Nexo Jornal, a ciência não é configurada da mesma forma, mas sim como um tema em destaque dentro da editoria “Ponto Futuro”. De acordo com a descrição do site, a editoria Ponto Futuro dedica-se a “pensar futuros possíveis a partir de temas que são chave para transformar o Brasil e o mundo nos próximos anos”. A editoria é composta por cinco divisões de temas: Amazônia, Ciência, Clima, Gestão Pública e Infância⁵. A proposta do jornal é trazer publicações de acesso livre para os leitores.

Em um segundo movimento de análise, o objetivo foi investigar as publicações feitas pelos dois veículos. A partir da aplicação de um protocolo de análise foram observados os seguintes elementos: data de publicação; título; jornalista autor/a; temas/etiquetas; e link de acesso. Foram analisadas as publicações realizadas de 1º a 31 de maio de 2024, período de ocorrência da maior tragédia climática do estado do Rio

⁴ Disponível em: <<https://revistapesquisa.fapesp.br/seis-em-cada-dez-brasileiros-tem-interesse-em-temas-de-ciencia-e-tecnologia-aponta-levantamento/>>. Acesso em: 25 jun. 2024.

⁵ Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/pontofuturo/ciencia>>. Acesso em: 25 jun. 2024.

Grande do Sul⁶. A escolha do recorte temporal é justificada pelo interesse em investigar se e como os dois veículos jornalísticos relacionaram a catástrofe em suas editorias voltadas à ciência.

Ao todo, foram coletadas 128 matérias da Folha de S. Paulo, destas 55 de matérias originais do veículo (incluindo colunistas, repórteres com especializações diversas e blogs) e 73 matérias postadas de outros veículos parceiros (BBC News, The New York Times, Reuters, Deutsche Welle, Boomerang e AFP) e sites de divulgação científica (The Conversation, Revista FAPESP). Nas estatísticas da coluna da planilha de “Temas/Etiquetas” (que se localizam na parte superior da matéria, antes do título, e são definidas pelos editores dos jornais), foram contabilizadas, nas 128 publicações, 30 matérias sem nenhuma indicação de etiquetas.

Conforme apresentado no Quadro 1, os cinco temas que mais apareceram nas matérias são: Astronomia (17), Estados Unidos (8), Mudança Climática (8), China (4) e Clima (4). Entre as matérias, duas mencionam a tragédia das enchentes de maio.

Quadro 1 - Exemplos de publicações de acordo com os temas na Folha de S. Paulo

Tema	Matéria	Assinatura
Astronomia	Webb detecta evidências de atmosfera em exoplaneta rochoso	Salvador Nogueira (Coluna)
Estados Unidos	Com capitão de 90 anos a bordo, Blue Origin faz seu sétimo voo de turismo espacial	Sem autoria especificada
Mudança climática	Como povos indígenas e comunidades tradicionais estão salvando ecossistemas	Renata Fontanetto (Blog)
China	O advento da matemática chinesa	Marcelo Viana (Coluna)

⁶ Disponível em:

<<https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2024/05/12/a-cronologia-da-tragedia-no-rio-grande-do-sul.ghml>>. Acesso em: 28 jun. 2024.

Clima	Estridência de negacionistas climáticos é sinal de que estamos vencendo, diz cientista sueco	Reinaldo José Lopes
Chuvas no Sul	Tragédias anunciadas. Até quando?	Márcia Castro (Coluna)

Fonte: Elaborado pelas autoras.

No Nexo Jornal, a página da editoria Ponto Futuro não abrange todas as produções sobre o tema “Ciência”, e esse problema justifica a pequena quantidade de publicações selecionadas nesta análise. No total, são 10 matérias publicadas na divisão de ciência no mês de maio. Destas, 7 foram produzidas por autores do veículo, e as outras 3 são advindas de organizações parceiras (Amazônia Real e O Eco).

Quanto a incidência dos temas das matérias, como sistematizado no Quadro 2, o mais recorrente foi Meio Ambiente (5), seguido de Ciência e Saúde (4) e Brasil (2). Nenhuma das publicações pautava os desastres que ocorriam no Rio Grande do Sul.

Quadro 2 - Exemplos de publicações de acordo com os temas no Nexo Jornal

Tema	Matéria	Assinatura
Meio Ambiente	O estudo argentino que transformou sonhos de pássaros em sons	Lucas Zacari
Ciência e Saúde	Por que a alta de casos de gripe aviária em mamíferos preocupa	Marcelo Roubicek
Brasil	Dez anos depois do Fuleco: um refúgio de tatus-bolas sem gestão	Carolina Lisboa

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Considerações finais

Observa-se que as notícias sobre ciência não recebem o mesmo tratamento por veículos de referência e independentes. A análise da Folha de S. Paulo e do Nexo Jornal mostra que as configurações das editorias de ciência são distintas e ambos os periódicos procuram singularizar seus produtos jornalísticos. Na Folha de S. Paulo, a ciência tem

uma coluna própria, e uma estrutura editorial completa para o leitor explorar. O Nexo Jornal elaborou uma editoria que junta assuntos dos quais a equipe do periódico considera indispensáveis para a humanidade refletir sobre o seu futuro, e nesse contexto a ciência é um “tema”, e faz parte das cinco divisões que constituem a editoria Ponto Futuro.

Quanto ao número de publicações no mês de maio, o jornal de referência possui 12 vezes mais matérias nesse período do que o Nexo. A quantidade de matérias de veículos internacionais ou sites de divulgação científica é maior do que as publicações originais da coluna de ciências no caso da Folha de S. Paulo. Além disso, as duas etiquetas que mais aparecem, “Astronomia” e “Estados Unidos”, indicam a necessidade da Folha em trazer um conteúdo científico voltado às descobertas do exterior do país.

No caso do Nexo Jornal, por mais que o espaço concebido à ciência do veículo seja notório, considerando a realidade socioeconômica dos leitores do Brasil e o significado dessa iniciativa estar partindo de um veículo independente, a forma que o jornal estrutura a sua página da editoria retrata uma produção pequena de conteúdo, e não explora todas as possibilidades interativas com o leitor, como uma coluna de “mais lidos”.

A Folha de S. Paulo buscou pautar minimamente a tragédia das enchentes do Rio Grande do Sul na editoria de Ciência, diferente do Nexo Jornal, que não vinculou nenhuma matéria na divisão de ciência de sua editoria Ponto Futuro. De modo geral, percebe-se uma preocupação pequena, em ambos os jornais, de noticiar temáticas acerca do desastre através de uma visão científica.

Por fim, torna-se crucial afirmar que esta pesquisa faz parte de um estudo maior, relacionado ao projeto de monografia da autora. Os resultados aqui constatados pela análise experimental são comprovados através dos aportes teóricos, que mencionam as disparidades de produções entre os jornais de referência e independentes (Amaral, 2004; Filho, Souza e Moliani, 2019; Zamin, 2014). No primeiro caso, o vínculo com o mercado internacional é um dos fatores que torna a Folha de S. Paulo dependente de produções externas para fazer suas publicações na coluna de ciências. O Nexo Jornal procura diferenciar a sua estrutura digital, e molda uma editoria especial para cinco conteúdos essenciais para o futuro, também têm uma relação com fontes de sites de divulgação científica ou de outras organizações nacionais. Nas próximas etapas de

investigação, pretende-se analisar como são configuradas as matérias sobre ciência com mais aprofundamento teórico e metodológico.

Referências

AMARAL, M. F. Lugares de fala: um conceito para abordar o segmento popular da grande imprensa. In: II ENCONTRO BRASILEIRO DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 2, 2004, Salvador. **Anais...**, Salvador: SBJOR, 2004. p.110.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BONA, N.; CARVALHO, G. G.; RIBEIRO, A. T.; GIUVANUSI, R.; ANDRADE, J. e BECKER, D. Jornalismo alternativo e o ambiente digital: entrevista com John Downing. **Revista UNINTER de Comunicação**, v. 3, n. 5, p. 93-100, jul/dez. 2015.

BUENO, W. C. Jornalismo científico: conceito e funções. In: BUENO, W.C. **Ciência e Cultura**. São Bernardo do Campo, v. 37, n. 9, p. 1420-1427, set. 1985. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=003069&pagfis=44698>. Acesso em: 22 abr. 2024.

CASTRO, M. **Tragédias anunciadas**: até quando. Folha de S. Paulo, (19 mai. 2024). Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/marcia-castro/2024/05/tragedias-anunciadas-ate-quando.shtml>. Acesso em: 28 jun. 2024.

CHINEM, R. **Imprensa alternativa – Jornalismo de Oposição e inovação**. São Paulo: Editora Ática, 1995.

Com capitão de 90 anos a bordo, Blue Origin faz seu sétimo voo de turismo espacial. Folha de S. Paulo, (19 mai. 2024). Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ciencia/2024/05/com-capitao-de-90-anos-a-bordo-blue-origin-faz-seu-setimo-voo-de-turismo-espacial.shtml>. Acesso em: 28 jun. 2024.

DE OLIVEIRA, T. Como enfrentar a desinformação científica. **Desafios**. 2020.

FONTANETTO, R. **Como povos indígenas e comunidades tradicionais estão salvando ecossistemas**. Folha de S. Paulo, (16 mai. 2024). Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/blogs/ciencia-fundamental/2024/05/como-povos-indigenas-e-comunidades-tradicionais-estao-salvando-ecossistemas.shtml>. Acesso em: 28 jun. 2024.

HERCOVITZ, H. Análise de conteúdo para pesquisa e jornalismo. In: LAGO, Cláudia; BENETTI, Márcia. **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2007.

LAGE, N. **A reportagem**: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. Rio de Janeiro: Editora Record, 2019.

LIMA, R. C. B. **Credibilidade no jornalismo independente: uma análise do ethos discursivo da Agência Pública**. 2020. 175 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Instituto de Cultura e Arte, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2020.

LISBOA, C. **Dez anos depois do Fuleco: um refúgio de tatus-bolas sem gestão**. Nexo Jornal, 29 mai. 2024. Disponível em: <<https://www.nexojournal.com.br/externo/2024/05/29/dez-anos-depois-do-fuleco-um-refugio-de-tatus-bolas-sem-gestao>>. Acesso em: 28 jun. 2024.

LOPES, R. **Estridência de negacionistas climáticos é sinal de que estamos vencendo, diz cientista sueco**. Folha de S. Paulo, (25 mai. 2024). Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ambiente/2024/05/estridencia-de-negacionistas-climaticos-e-sinal-de-que-estamos-vencendo-diz-cientista-sueco.shtml>>. Acesso em: 28 jun. 2024.

NOGUEIRA, S. **Webb detecta evidências de atmosfera em exoplaneta rochoso**. Folha de S. Paulo, (12 mai. 2024). Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/blogs/mensagem-sideral/2024/05/webb-detecta-evidencias-de-atmosfera-em-exoplaneta-rochoso.shtml>>. Acesso em: 28 jun. 2024.

OLIVEIRA, F. **Jornalismo científico**. São Paulo: Contexto, 2002.

PACHI FILHO, F.F.; SOUZA, R.B.R. de; MOLIANI, J.A. Os conceitos diferenciados de comunicação e jornalismo alternativos e o mapeamento da produção acadêmica brasileira recente. **Comunicação & Sociedade**, São Bernardo do Campo, v. 41, n. 2, p. 5-28, 2019.

PATRÍCIO, E.; BATISTA, R. Elementos de identidade em iniciativas de jornalismo independente. **Revista Extraprensa**, [s.l.], v. 13, n. 2, p. 217-231. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/extraprensa2020.153326>. Acesso em: 04 ago. 2020.

ROUBICEK, M. **Por que a alta de casos de gripe aviária em mamíferos preocupa**. Nexo Jornal, 08 mai. 2024. Disponível em: <<https://www.nexojournal.com.br/expresso/2024/05/08/aumento-gripe-aviaria-em-mamiferos>>. Acesso em: 28 jun. 2024.

VIANA, M. **O advento da matemática chinesa**. Folha de S. Paulo, (21 mai. 2024). Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/marceloviana/2024/05/o-advento-da-matematica-chinesa.shtml>>. Acesso em: 28 jun. 2024.

WEBER, A. F. **A circulação da ciência da linguagem no jornalismo científico**. Seminário Internacional de Texto, Enunciação e discurso. Porto Alegre, set. 2011.

ZACARI, L. **O estudo argentino que transformou sonhos de pássaros em sons**. Nexo Jornal, 03 mai. 2024. Disponível em: <<https://www.nexojournal.com.br/expresso/2024/05/03/som-dos-sonho-dos-passaros>>. Acesso em: 28 jun. 2024.

ZAMIN, A. (2015). Jornalismo de referência: o conceito por trás da expressão. **Revista FAMECOS**, 21(3), 918-942. Disponível em: <https://doi.org/10.15448/1980-3729.2014.3.16716>. Acesso em: 13 jun. 2024